

O USO DO CORPO E UM BREVE PANORAMA SOBRE O FUTSAL FEMININO EM SANTA MARIA – RS

Cláudia Samuel Kessler²⁴
Maria Catarina Zanini²⁵

Quando se aborda a questão do futsal, freqüentemente procura-se fazer uma comparação entre a modalidade feminina e a masculina. Constantemente, o naipes feminino é acusado de receber menos patrocínios, ter menos técnica, ser injustiçado com toda sorte de preconceitos e ter um público menor. Tais argumentos são verdadeiros, porém, não creio que sejam os melhores argumentos quando se pretende falar de uma modalidade ainda tão incipiente, que teve ainda tão pouco tempo para poder desenvolver-se. No presente artigo procuraremos enfocar algumas questões sobre a produção cultural de um corpo eficiente, e identificar no futsal feminino de Santa Maria - RS algumas práticas descritas por autores que trabalham a questão do esporte.

Há uma grande quantidade de pessoas que percebem a existência de grandes disparidades entre o futsal feminino e o masculino e as comentam quando tem a oportunidade de ver uma competição feminina, ainda raramente televisionada ou divulgada em rádios. Assim como no futsal, as garotas do futebol também vem buscando seu espaço em meio ao público e aos patrocinadores. Porém, assim como há essa disputa entre os naipes masculino e feminino, deve-se atentar a outras disputas históricas, entre as diferentes modalidades que procuram um maior reconhecimento pelo público e pela mídia.

Para tal reconhecimento, os diferentes usos do corpo, "esportivos ou esportivizados precisam ser conformados para garantir sua aceitação e 'utilização'" (PILOTTO, 2007, p.112). Pilotto (2007, p. 95) considera como corpos esportivos aqueles que "são disciplinados positivamente (que se torna símbolo de saúde, de estética)", e os esportivizados considera como o corpo "em excesso (marcado pelo esporte de alto rendimento, que usa *doping*, que tem lesões, que treina, que morre)" (GOELLNER, 2007, p. 95-96).

Em relação ao futsal feminino amador de Santa Maria, podemos dizer que há um intermédio entre as duas definições de Goellner (2007). Ao mesmo tempo em que muitas das garotas estão no esporte para praticá-lo nos finais de semana, para fazer novas amizades ou para manter o corpo mais sarado (o que caracterizaria um corpo esportivo); quando suas equipes participam de torneios, essas "jogadoras de finais de semana" tem que buscar um desempenho de "atletas", pois lhes é exigida uma preparação que não condiz com os treinamentos que fizeram ou o físico que possuem (e que caracterizam o corpo esportivizado). Assim, mesmo não havendo *dopings* ou levando à morte, como no esporte de alto rendimento, essas meninas podem sofrer com torções, pancadas e outros ferimentos que lesionam, ferem, e por vezes podem imprimir marcas permanentes.

O corpo, segundo Sant'Anna (1995, p.12) "(...) é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico. Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua". Para Mauss, "cada sociedade tem seus hábitos próprios" (1974, p. 403), e os diferentes modos de agir de cada sociedade são técnicas do corpo, as quais são transmitidas provavelmente segundo uma oralidade. Mauss considera o corpo como um instrumento, como "(...) o primeiro e o mais natural

²⁴ Jornalista e mestrandia de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Santa Maria (RS).
E-mail: jornalista24h@yahoo.com.br

²⁵ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria.

instrumento do homem”(MAUSS, 1974, p.407). Porém, tal instrumento sofre conformações sociais, ele é submetido ao sistema de regras e modelos impostos por nossa cultura, assim determinando, para Mauss (1974, p. 408), “(...) um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não”.

A fim de não acentuarmos uma relação indevida e obviamente desproporcional, sugerimos não serem comparados o futsal masculino e o feminino. Porém, cremos que as questões históricas devem constantemente ser lembradas, pois em grande parte elas foram responsáveis pelo atual desnivelamento entre homens e mulheres que praticam o futebol ou o futsal. Assim, lembremos que a prática de certas modalidades por mulheres foi sempre alvo de muitas discussões, carregada de múltiplas explicações biológicas machistas as quais centravam em uma suposta “(...) fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia (...)” (GOELLNER, 2003, p. 31). Esportes como as lutas e o futebol, eram alguns dos que eram vetados às mulheres, segundo o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, do Ministério da Educação, art. 54, o qual instituía: “Às mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. No caso do futebol, a proibição incidiu mais incisivamente de 1964 até 1979, quando o Conselho Nacional de Desportos revogou a deliberação nº 7/65 que as impedia de praticarem “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball” (vide MOREL e SALLES, 2006).

Cabe lembrarmos ainda, que a mulher estava relegada a ficar dentro do lar, sob a tutela e os olhares vigiantes da família, sem a exposição do corpo, nem que fosse para a prática de modalidades esportivas. Dessa forma, jogar com shorts ou calções, deixando as pernas à mostra, seria algo inadmissível ao hegemonicamente aceito. Como lembra Goellner (2005),

Na fase de estruturação do esporte feminino no país, idéias progressistas e moralistas seduziam e desafiavam as mulheres, tanto para a exibição quanto para o ocultamento de seus corpos, ora forjando novas formas de cuidar de si, ora reforçando a idéia de que a exibição pública do seu corpo estava associada ao universo pagão das impurezas e obscenidades (GOELLNER, 2005, p.3).

Comentários machistas, ainda hoje podem ser ouvidos nos estádios. Palavras como “machorra” e “sapatão” ainda são proferidas com o intuito de ofender. Em pleno século XXI, no qual tanto se propagandeia um aumento das liberdades e do excesso de informações, há pessoas que ainda não se utilizam dessa vasta quantidade de dados objetivos disponíveis para estabelecer conexões e pensamentos afins com os entendimentos sobre a diversidade. Não somos apenas livres para consumir, mas também, livres para pensarmos e, como seres pensantes, podemos utilizar essa capacidade.

Há poucos dias, em um torneio escolar de escola particular católica de Santa Maria, garotas do time adversário que ganhavam o jogo de futsal por um placar bastante largo, começaram a ser xingadas pela outra equipe. Visivelmente cansadas e com pouquíssima habilidade e organização, parecia não lhes ter restado nenhuma outra “arma”, além de apelar para recursos mais “baixos”.

O objetivo da equipe adversária, é claro, era desestabilizar a equipe vencedora; façanha que foi obtida aos 4 minutos do segundo tempo. Demonstrando habilidade, em jogada conjunta, a equipe de preto e amarelo imprimiu diversos gols sem piedade da falta de conjunto e de intimidade com a bola demonstrada pelo time adversário. Logo após ter feito mais um gol, cansada dos xingamentos e irritada com as provocações da torcida, uma das artilheiras do time vencedor - de cabelo curto e

bastante habilidade - colocou o indicador verticalmente sobre a boca, exigindo respeito. Eis que logo veio a punição: cartão amarelo para a garota que ousou querer cessar a zombaria. Entre as que fizeram o gol: espanto e indignação. E o juiz? Supostamente, tentava manter a sua imparcialidade, como mediador. Percebe-se então, que ao invés de tentarem combater a outra equipe pelo seu desempenho, as perdedoras tentaram utilizar-se de outros artifícios, como o embate moral e o escárnio

Apesar de haver pessoas que consideram tal fato como sendo banal, ou o presenciam cotidianamente sem perceber as questões que nele se encontram subentendidas; mostras como essa, de preconceito, podem influenciar na prática da modalidade. Prevalendo um referencial que valoriza linearmente questões como feminilidade e beleza, há pais ou responsáveis de meninas que questionam o futsal e não o consideram como outra modalidade qualquer, mas sim, uma ameaça às tradicionais instituições e a tendências patriarcalistas vigentes.

Porém, tal comportamento competitivo, como o presenciado em jogos escolares, não é exclusivamente percebido no futsal feminino. Há outras modalidades esportivas em que a disputa também é palco de uma performance espetacularizada, em busca do aplauso e reconhecimento. E para conseguir o reconhecimento, ao invés de provocar situações constrangedoras, os competidores que pretendem mostrar suas melhores performances, não apenas por uma questão de auto-satisfação, mas para alegrar o público que lá está para assistir, dedicam-se a uma série de ações necessárias para torná-lo apto à prática esportiva.

Para ser alguém que merece estar no centro da "arena", recebendo vaias e aplausos, esse "personagem lutador" deve passar por uma série de etapas. Entre elas, Nunes & Goellner (2007, p.63) citam a construção das performances vitoriosas de lutadores, os quais precisam proceder com "a preparação física desgastante, o empenho nos treinos e o domínio de diferentes técnicas, o uso de aparelhos e equipamentos, a tolerância à dor, os ferimentos com sangue, o desgaste corporal, a expectativas de confrontos públicos". Tais ações são realizadas tendo em mente o aumento das potencialidades dos atletas, de suas resistências, movimentos e habilidades. Esse pensamento não apenas faz parte de uma "cultura do lutador" ou de "fabricação de corpos guerreiros" (GOELLNER & NUNES, 2007), mas da produção de corpos eficientes e vencedores.

Como diz Goellner (2003, p.28) "Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade". A forma como as marcas são interpretadas e (re)significadas são variáveis, mutantes de cultura para cultura. Além dos códigos e da linguagem, os grupos procuram partilhar também a mesma aparência, e isso é refletido conforme "A forma como se vestem, falam e agem, os produtos que consomem e os lugares que freqüentam fazem uma demarcação simbólica, material e social de suas diferenças e de seus pertencimentos." (QUADRADO & RIBEIRO, 2006, p. 3).

Veiga-Neto (2002, p. 36) afirma que "os marcadores identitários – aqueles símbolos culturais que servem para diferenciar, agrupar, classificar, ordenar – inscrevem-se fundamentalmente no corpo". Assim, para identificar uma menina "boleira" (ou seja, que joga bem), há algumas marcas que podem facilmente ser identificadas. Entre elas, o tênis de futsal é uma das principais. Entre as próprias jogadoras entende-se ser "um absurdo" jogar futsal de chinelo ou pés descalços, pois é coisa de "várzea"; assim como uma garota que jogue bem, dificilmente jogue com AllStar ou tênis de corrida.

Para obter uma melhor performance as empresas propagandeiam tênis que: equilibram a temperatura corporal, que diminuem o risco de lesões, dão conforto e flexibilidade, otimizam a movimentação do corpo (oferecendo liberdade e leveza), dão maior aderência e performance (utilizando até mesmo fazendo parceria com empresas que utilizam tecnologia da Fórmula 1). Enfim, ao ler sobre os produtos vendidos pelas empresas que trabalham com tênis para futsal, poder-se-á perceber que todas as

marcas fazem questão de alardear as novas tecnologias e estudos que são feitos pela empresa para melhorar a resistência de seus produtos, bem como conforto e qualidade, desenvolvidos em modernos centros de pesquisa.

Enquanto o piloto de Fórmula 1 possui um carro repleto de tecnologias de última geração, as praticantes de futsal compram a tecnologia atribuída aos tênis. Enquanto o piloto possui diversos cavalos de potência, a menina procura por uma melhor aderência em quadra, ou um tênis mais leve, para que possa correr mais rápido. Enquanto a laticínia constitui um carro, a atleta é formada por fibras, músculos e nervos que podem chegar à estafa, quando não estão bem condicionados. Os acessórios e a indumentária mais do que apenas aparatos auxiliares, podem acabar se tornando “prolongamentos do corpo” (PILOTTO, 2007, p.100), aumentando a segurança das praticantes da modalidade e a sensação de pertencimento ao grupo.

Porém, quando se trata do futsal feminino santa-mariense, segundo a presidenta da Liga de Futsal Feminino de Santa Maria, Maria de Lurdez Ruas, grande parte das atletas é carente. São cerca de 12 equipes, grande parte delas sem recursos financeiros externos (como o de patrocinadores), e que conta com as doações espontâneas das próprias jogadoras para poder comprar os materiais necessários para a prática da modalidade. Se formos considerar que todo o bom guerreiro possui uma forte armadura - que o proteja e aumente seu moral quando estiver no campo de batalha - podemos considerar essas garotas como “guerreiras de segunda classe”. Devido à falta de condições financeiras para comprar um bom tênis ou uma caneleira que as proteja em situações de choque, essas meninas por vezes preferem dizer que fazem mesmo questão de não usar os materiais de proteção, pois são incômodos ou limitam a movimentação durante o jogo. Considerando as antigas arenas de combates, essas “guerreiras” igualam-se aos escravos que eram jogados no centro da arena sem escudo ou armadura, em situação de desvantagem aos outros que estavam mais preparados e protegidos.

As ações realizadas pelos atletas, e não apenas no futsal feminino, mas em outras modalidades também, procuram, segundo Nunes & Goellner (2007, p.70) “(...) intimidar adversários, animar torcedores, arregimentar patrocinadores, divulgar a modalidade, conquistar público (...)”. Esses corpos, carregados por signos distintivos (vide Bourdieu 1988), possuem um valor que torna visível a identificação com um grupo determinado e distingue aquele indivíduo dos demais. O corpo, segundo Goldenberg & Ramos (2002, p.38) “(...) constitui, hoje, um sinal indicativo de certa virtude humana”, constituída por meio de sacrifícios, de muitos treinos e uma série de restrições.

O futsal feminino de Santa Maria, por ser amador, não oferece muitas restrições ou imposições às garotas. Porém, pode-se perceber que elas fazem cobranças a si próprias em relação a “estar gordinha demais”, a ter que “parar de fumar pra ter um fôlego maior” ou “dar umas corridinhas no parque, para criar resistência”. Tais questões, além de serem meras questões estéticas, servem como argumento para a prática de hábitos considerados saudáveis. Estar com o corpo preparado para a modalidade, além de uma questão visual, torna-se fundamental para evitar lesões ou para aumentar o rendimento.

Para Fontes (2007, p.83)

O corpo idealizado, configurado conforme os parâmetros que podemos considerar como de boa forma é, antes de ser um corpo bonito, um corpo (re)construído a partir de um conjunto de discursos, práticas e procedimentos de várias naturezas que visam torná-lo culturalmente adequado, capaz de atender às exigências de uma corporeidade supostamente considerada ideal (FONTES, 2007, p.83)

Dessa forma, podemos contrariar dizeres como o de Bourdieu (1983, p.139 apud GUEDES 1998, p. 20) para o qual “a atividade esportiva é um fim em si mesma, uma atividade ‘para nada’”. O esporte, além de poder ser considerado como um compositor da identidade nacional, como no caso do futebol (DAMATTA et al., 1982); é o responsável por fazer crianças sonharem em ser atletas de renome mundial, de saírem de casa para brincarem nos campinhos ou nas ruas, mas acima de tudo, promove a sociabilidade entre pessoas de classes sociais tão diferentes, que não se encontrariam em outro lugar que não fosse o da prática esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOURDIEU, Pierre. **La distinción**. Madri: Taurus, 1988.
- _____. Como se pode ser esportivo? In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-153 apud GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. COUTO, Edvaldo Souza. In.: **Corpos mutantes**: Ensaio sobre novas (d) eficiências corporais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana(Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- _____. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.v2.
- MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo. **Futebol Feminino**. Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006. Disponível em : <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/53.pdf>>. Acesso em: 1 jul 2008.
- PILOTTO, Fátima Maria. Diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esportes. In.: WORTMANN, Maria Lucia Castagna. **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência** - A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- QUADRADO, Raquel Pereira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **As Inscrições de Gênero nos Corpos dos/as Adolescentes**. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero 28, 29 e 30 de 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/R/Ribeiro-Quadrado_04_A.pdf>. Acesso em 2 jul 2008.
- SANT'ANNA, Denise B. Entrevista com José Gil. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo, v. 5, p. 253-266, dez. 1997.
- VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades),(ident)idades... In: GARCIA, Regina (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.